



16. FANZINES: REFLEXÕES ACERCA DO USO DE MÍDIA INDEPENDENTE NA PERSPECTIVA DE POTENCIALIZAÇÃO DE IDEIAS

SESSÃO - 02

*Melissa Eloá Silveira Nascimento**

Resumo

Apresento, nesse artigo, um recorte de minha pesquisa, desenvolvida durante o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação. Situado no estudo de mídia alternativa e educação, o estudo em questão delimitou como objeto a discussão sobre o uso de fanzines como tática para divulgação de ideias, críticas e opiniões. Nestas produções independentes, são experimentadas visões e formas de compreensão do mundo, às vezes sem espaço em outras mídias. Fazer um fanzine não deixa, pois, de ser uma forma de exprimir uma experiência, não deixa de ser uma forma de potencializar maneiras de intervir e enxergar a experiência de estar no mundo. No que tange a produção dos discursos, o fanzine, como artefato de expressão de uma linguagem, soa como um porta-voz de movimentos que se querem fazer presentes na sociedade, dando visibilidade à margem em que habitam, produzindo um incômodo, uma pequena turbulência que tem potencial de se multiplicar.

Palavras-chave: Mídia alternativa; fanzine; divulgação; ideias

Abstract

I present in this article a note from my research, developed during a Post – Graduation Studies Program in Schooling. Situated in the studies of alternative media and schooling, the quoted research delimited as object, the discussion about the use of fanzines as disclosure tactics to spread ideas, criticism and reviews. In these independent productions, are tested points of view and ways to comprehend a world, sometimes, without free space to alternative medias. Make a zine, so, isn't just a way to express an experience, to potentiate a manner to intercede and to look the experience to be in a world. With respect to production of speech, the fanzine as a language artefact of expression, seems a frontman of movements who want to be present in the society, giving visibility to the edge where it lives, producing a nuisance, a short turbulence with potentialities to reproduce.

Keywords: Alternative media; fanzine; propagation; ideas

* Mestranda em Educação do Programa de Pós-graduação da UERJ – ProPEd; bolsista CNPQ; professora substituta do Departamento de Educação da UERJ e integrante do grupo de pesquisa “Linguagens desenhadas e educação”, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. meleloas@hotmail.com.



1. Introdução

Da revolução do mimeógrafo à atualidade dos computadores, algumas mídias são utilizadas com intuito de divulgar aspirações e pontos de vista de indivíduos e grupos sociais que se querem fazer presente. O fanzine é uma das mídias que, no decorrer dos anos, em razão do baixo custo e pela acessibilidade, no sentido de que qualquer pessoa pode fazê-lo, tem sido escolhida como instrumento de propagação de ideias e potencializadora de grupos que querem garantir espaço participante na sociedade.

Como artefato de expressão de uma linguagem, o fanzine soa como um porta-voz de movimentos que se querem fazer presente na sociedade, dando visibilidade à margem em que habitam, produzindo um incômodo, uma pequena turbulência que tem potencial de se multiplicar.

O presente artigo é um recorte de minha pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que tem como foco os fanzines em sala de aula. A discussão tratada neste artigo delimita a produção do fanzine, mídia independente, como artefato de comunicação e instrumento de potencialização de ideias, considerando-o porta-voz de movimentos que se projetam e ultra-

passar além da margem que estão posicionados.

2. O fanzine como potencializador de ideias

Os fanzines, sejam eles de quadrinhos, música em geral, atualidades, poesias, política, são mídias que defendem pontos de vista de indivíduos e grupos sociais que têm suas vozes excluídas do discurso oficial da mídia comercial. Estas publicações independentes são criadas a partir de uma vontade de tornar público aquilo que realmente os afeta, assim, com intuito de veicular ideias que esboçam opiniões e, principalmente, formas de se fazerem pulsantes na sociedade, tornando-se instrumento de amadurecimento para tradução do real vivido. “Nossas ideias não são reflexo do real, mas traduções dele”¹.

Nos fanzines, são experimentadas visões e formas de compreensão do mundo, às vezes sem espaço em outras mídias. Fazer um fanzine não deixa, pois, de ser uma forma de exprimir uma experiência, não deixa de ser uma forma de potencializar maneiras de intervir e enxergar a experiência de estar no mundo. Ao escrever uma crítica, desenhar, enaltecer um tema ou anunciar um horizonte expressivo, o fanzineiro não deixa de dar vazão àquilo que está guardado e tem pressa para se libertar, colocando, muitas vezes, em xeque, verdades instituídas e a





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

própria *vontade de verdade*² secretada por saberes hegemônicos que definem as estéticas dominantes do que dizer e como dizer a respeito do mundo.

Transitar em um espaço subterrâneo pode ser uma forma de resistência ao convencional, uma forma de contestar ou, simplesmente, uma possibilidade de criação e exposição da sua própria prática social. Constitui-se, assim, em uma atitude para sobreposição do seu pensar diante da censura e do modismo da mídia comercial. Funciona com uma tática³ para sobreposição do seu pensar diante da mídia comercial, que define modelos de acordo com o interesse de lucro do mercado.

Uma vez que, através do fanzine, o fanzineiro tem seu direito de autor, ele se expõe e introjeta naquele ideal de revista características subjetivas com intuito de particularizar seu trabalho criativo. Como Certeau⁴ comenta, a tática “opera golpe por golpe, lance por lance” e vai se movimentando dentro de um campo calculado, “aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas.”

No caso do fanzine, a expressão livre do pensamento desatrelada ao mercado tradicional de revistas demonstra sua vocação para uma escrita despreocupada com a censura editorial e livre dos vícios

de um mercado que impõem um sistema de compra e venda.

Por não possuírem uma frequência planejada, geralmente são organizados de acordo com o tempo de cada zineiro⁵, são utilizados como forma de expressão individual ou de um grupo, são roqueiros falando de sua banda, criticando ou elogiando o lançamento de um CD de alguma outra banda consagrada; ou jovens que querem falar de suas produções literárias ou, simplesmente, colocar para fora seus conflitos, desabaços e questionamentos; outros zines têm como expressão os quadrinhos, personagens inventados e jamais divulgados na mídia convencional.

Alternativa para não obedecer a moldes pré-estabelecidos, fugir do lugar comum, publicar em um fanzine significa escrever ou desenhar aquilo que o fascina, sair do convencional e reinventar uma linguagem, independente de que algumas vezes só interesse ao próprio fanzineiro. Dizer o que quer independente do alcance não faz muita diferença quando o lema principal é curtir ou criar seu próprio espaço.

Por este ângulo, o fanzine funciona como uma alternativa para expressão de uma sociedade marginalizada, um meio de comunicação dito *underground*. O fanzine habita o mercado alternativo (se é que podemos chamar de mercado





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

a lógica que gira em torno destas produções), sua praticidade, sua publicação livre de planejamentos com datas definidas e textos não cronometrados por editores podem ser o indício de que há um público sedento por liberdade de expressão, liberdade de exposição, *vontade de verdade*⁶.

A novidade na escrita do fanzine e a sua pouca circulação talvez sejam indicativos de uma não difusão de um discurso por parte de um determinado detentor de poder, a sua propagação apenas no “submundo” dos fanzineiros demonstra que há pouco ou nenhum interesse em diversificação do discurso por parte daqueles que não veem nenhum interesse nesta forma de expressão.

Entretanto, há quem tente reproduzir um espaço próximo ao que está no mercado, pois o fato de estar fora deste mesmo mercado o faz recriar uma forma de se inserir no interior da sociedade que o exclui. Ao produzir em um formato independente, talvez o desejo do fanzineiro seja fazer parte deste universo, ou melhor, quando este diz que produz um fanzine para expressar aquilo que o incomoda, ele, no mínimo, quer ser um agente modificador do seu espaço, nem que este espaço se traduza ao universo do seu pensamento, a sua forma de agir.

O fanzine possui uma lógica que não segue periodicidade, temas, formas

e conteúdos. Sua falta de sutileza para dizer o que “der na telha” denota um tom adolescente que funciona como escape ou arma sonora para mais uma bala opinativa. É o gatilho que desafia os modismos e sugere um estilo de ser próprio do mundo *underground*: liberdade de ser o que é, livre de ditaduras editoriais.

Magalhães⁷ pontua que,

se o desenvolvimento tecnológico e a popularização dos meios de impressão possibilitaram a edição do fanzine cada vez mais sofisticada, aproximando-o do requinte das publicações do mercado, contudo, para continuar sendo fanzine ele deve manter seu princípio original: o caráter contestador, informativo e analítico, fator de integração de grupos culturalmente marginalizados.

A utilização de material independente funciona como alternativa por algumas pessoas que querem publicar seu trabalho, proferir sua opinião política, religiosa ou, simplesmente, produzir aquilo que gostaria de ver na televisão. Há grandes e pequenas produções, algumas delas estão no mesmo páreo de produções consagradas no que se refere a conteúdo e movimentam um mercado paralelo.

No espaço das produções independentes, os fanzines me chamam a atenção pela forma e atitude no conteúdo e a variedade de informações e, propriamente, o espaço de ebulição de opiniões, bem diferente de jornais, revistas, rádios,





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

canais de televisão oficiais que possuem critérios que respeitam o mercado de consumo e publicam aquilo que é conveniente para seus anunciantes. Isso não quer dizer que os fanzines também não defendem seus interesses, pelo contrário, os fanzines, como qualquer outra mídia, é resultado de ideologias e convicções de indivíduos e grupos, entretanto, com pouca visibilidade.

Seu ar experimental com um quê de marginal fabrica dizeres e linguagens sem pudores que refletem um estilo de opinar bem característico daqueles que possuem, além da vontade de se expressar uma alma intimamente independente.

No fanzine experimentam-se as novas linguagens, promovem-se ousadias conceituais. O fanzine, por vezes, serve de inspiração ao meio empresarial, que nele encontra elementos de renovação estética. Enquanto manifestação espontânea e democrática de grupos, muitas vezes formados por jovens, o fanzine faz ainda a legitimação das linguagens populares, nem sempre percebidas pelos círculos oficiais⁸.

Fanzinar tem todo um ritual de criação, um movimento que contaria a lógica mercadológica, por mais que o sistema de produção e distribuição de um zine seja precário, jamais um zine é feito apenas para ficar dentro de uma gaveta, quem faz fanzine, no mínimo, quer exteriorizar algo que em algum momento o chamou a atenção.

aspecto de construção, assim como de exercício da liberdade, quando nos aponta que,

não só pelo aspecto da relação comunitária, a força dessas pequenas produções está no estímulo ao olhar crítico dos fãs, enquanto exercitam sua liberdade de expressão. Grandes debates e polêmicas acontecem no fanzine, seja agregando elementos cognitivos, seja traçando análises construtivas para o resgate ou desenvolvimento de sua arte.

Dessa forma, o fanzine é uma das formas encontradas por indivíduos para aprimorar um discurso, um trabalho, algumas vezes é o primeiro veículo, o primeiro portfólio utilizado para se divulgarem ideias, das mais pessoais às mais societárias. Escolher fazer um fanzine passa por diversos motivos, um deles a identificação com um estilo alternativo e a sensação de liberdade de expressão, sem falar na questão autoral que representa fazer aquilo de que gosta, produzir algo de acordo com sua vontade, experiência.

Apropriar-se de uma mídia, mesmo que de pouco alcance, para sentir menos domesticado pelo sistema traduz um pouco o desejo por emancipar-se do modismo, do incentivo ao consumismo da mídia consagrada, o que ecoa cada vez que o fazer fanzine encontra mais um leitor ou fanzineiro que se identifica com a mensagem dita.

Magalhães⁹ nos atenta para o





Contrariando a sensação de ser invisível ao mercado cada vez que uma produção literária ou de qualquer outra espécie segue o caminho de encontro de outro fanzineiro (ou leitor), por mais que não repercuta entre um número consagrado de leitores, ainda assim, dependendo da sua utilização, o fanzine será um espaço propício ao divertimento, à troca, à manifestação de saberes ou aprimoramento de alguma habilidade.

Segue um editorial de um fanzine que comenta o significado do zine para sua expressão:

O que temos feito com essa liberdade de expressão devolvida e sacramentada em nossas vidas? Não é pretensão nossa – e acho que nunca será – mudar o que quer que seja com este reles fanzine. Mas esta é a forma que escolhemos de não desperdiçar a liberdade de expressão que nos foi devolvida, essa mesma, citada aí em cima no trecho do texto do Ricardo Kotscho. Esta é a forma que escolhemos de compartilhar opiniões, fatos, histórias e bobagens, por que não? Este é o nosso embrulho, servindo de uma forma um tanto incomum a essa grande feira, gritando idéias – nosso pastel não custa nada, nem um real! E ainda bem: podemos fazer isso sem o medo da repressão ou da censura. Aliás, censura mesmo, só contra a nossa ignorância¹⁰.

Dar espaço à própria criatividade é algo possível através da liberdade de autoria, pois se dá vazão à originalidade, no caso dos fanzines de *comics* há a criação de personagens que repaginam o cenário brasileiro.

É o fanzine o veículo que se contrapõe ao descaso do mercado editorial, que não contempla de forma adequada o fluxo da produção dos artistas nacionais, muito menos a obra dos novos autores. [...] O fanzine é, pois, um produto de grupos marginalizados cultural e geograficamente. É porta-voz de um tipo de cultura que denominamos genericamente de *underground*, contracultura, alternativa ou independente.¹¹

Ser marginal no sentido de não estar diretamente inserido em um mercado comercial, não tem muito a ver com posição social e financeira, pois é importante ressaltar que o fanzine pode ser encontrado tanto em camadas sociais de baixa renda quanto da alta, não há uma regra específica que indique sua escolha enquanto veículo de comunicação. “O fanzine é um veículo de comunicação dirigida que tem a dimensão do universo de seu grupo”.¹²

Criamos um grupo de pessoas que tem como prazer compartilhar pensamentos sem vergonha, compartilhar aquilo que gostamos, como vídeos, músicas, livros, filmes, revistas etc. Mas esse grupo não é fechado e está sempre a espera de novos adeptos ao zine de papel¹³.

Na lógica do fanzine, o fazer casual e o fazer compromissado trafegam na mesma direção; entretanto, cada um faz seu fanzine de acordo com um propósito contínuo que faz parte de um saber possível. O abafado diálogo que envolve as publicações independentes no mercado corresponde ao cenário atual de valorização e promoção de um mercado for-





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

malizado e cristalizado que repercute em nossas relações e escolhas.

Oportunos ou não, os fanzines propõem uma reflexão sobre as formas hegemônicas de expressão e se colocam em espaços estratégicos inventados por aqueles que se querem sobrepor ao anonimato e propor saberes alternativos. O que parece apenas o lado B pode ser entendido como retrato de uma experiência em que a contrapartida desta prática, que se traduz em um fazer independente, é ter, em mãos, algo com a sua marca pessoal.

Eu queria escrever coisas que remetessem à minha essência. Eu acho que falar e escrever coisas remetem à minha essência. Eu acho que escrever coisas remetem a algo de nós. Coisas verdadeiras refletem algo de nós. E eu queria saber escrever coisas verdadeiras que falassem o mínimo sobre quem sou. Ser eu depende muito do que leio, penso, falo e escuto. Depende da qualidade de minhas meditações. Dizer quem sou vai diretamente ao encontro de muitos, muitos obstáculos¹⁴.

Propor uma publicação independente como o fanzine significa resistir às diversas limitações que envolvem a veiculação de informações. Assim, a tática consiste em conseguir driblar os problemas financeiros e tirar proveito do avanço tecnológico na tentativa de dar destaque àquilo que se aspira, aos reclames e informes que interessam ao cotidiano de cada um. Este fazer, que algumas vezes, é artesanal, facilita que cada um, de acor-

do com, a vontade pessoal, recorte, cole, desenhe, escreva, rabisque, xeroque uma produção de caráter inédito e, jamais, conhecida pela massa da sociedade.

Por mais que haja uma restrição quanto à divulgação do fanzine, este não deixa de cumprir sua função comunicadora. Sua condição de independente e seu espírito alternativo são a combinação de um fazer carregado de atitude, que quer fazer-se vivo na expectativa de ser escutado e legitimado como participante dessa sociedade de dizeres.



Foto: Melissa Eloá- Fanzine Com fusão

Representação viva de um saber que resiste às mídias oficiais, sua resistência revela seu poder de comunicação mesmo transitando pelo mundo *underground*. O caráter alternativo desta mídia explicita-se por si mesmo, alternativo na forma de veiculação, expressão e produção. Há como se fosse uma vocação





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

por parte dos zines de se mostrar cru e transparente, no sentido de revelação da arte a partir de um fazer espontâneo. A revelação dos dizeres em forma de fazer pragueja o mercado hegemônico que se mostra incapaz de abrir espaço para aqueles que não seguem uma lógica mercadológica.

A potencialização daquilo que se acredita e a liberdade de fazer um produto ao seu gosto, com seu estilo próprio e dizer aquilo que acredita, possibilita a ele multifaces, há uma multiplicidade de discursos sendo apresentados sobre e para uma sociedade que muitas vezes desconhece o fanzine-jeito-de-ser, um jeito de ser emblemático e expresso através de uma notoriedade tímida reservada a um habitat povoado só por aqueles que têm algum conhecimento desta mídia.

O fanzine é espaço de discursos dos mais diversos fanzineiros e leitores, sejam eles contestatórios, ideológicos, opinativos, irônicos, divertidos, políticos ou apolíticos. Agindo como potencializador de ideias pouco difundidas ou muitas vezes difundidas, mas com uma abordagem distinta da que se quer ouvir, os fanzines potencializam, mesmo que de forma restrita, saberes e propostas sociais que querem projeção.

Assim, o fazer fanzine se expressa como uma forma concreta escolhida por um grupo que se quer fazer presente e

mostrar o que pensa e o que sente. Desenhar, poetizar, dissertar sobre os mais diversos assuntos foi a forma encontrada talvez pelo caráter independente e por não sofrer interferências editoriais.

3. Considerações

Dialogando neste sentido, observamos que o fanzine é um meio de comunicação alternativo que tende a buscar meios de se manter vivo, a busca por espaço se faz, muitas vezes, pelo boca a boca, mão a mão, bem artesanalmente, o que possibilita uma efetiva troca de experiências. Logicamente, cada experiência corresponde ao cotidiano de cada um, a que cada um está aberto a receber. Não se pode afirmar que toda troca se concretiza através do fazer fanzine.

Fazer fanzine gera uma importante discussão a respeito da expressão, já que ele prima por uma diversidade de pensamentos e tem embutido, em sua forma e conteúdo, um senso de liberdade que extrapola espaços institucionais.

Quem faz fanzine quer causar algum movimento, quer transmitir alguma mensagem. Desta maneira, não se pode romantizar a função comunicativa dos fanzines, mas há que se observar como age o potencial ideológico naqueles que leem e fazem zines, pois há uma gama de informações sendo divulgadas que refletem um pensar, ou melhor, um pensar





factível de reprodução.

Camuflado, o fanzine, na sua diversidade de estilos, fala a língua que o fanzineiro quer ouvir e consegue trafegar onde menos se espera, por isso a reciprocidade entre tantos discursos reorganiza-se a partir da linha divisória entre o subterrâneo mundo underground e o mundo massificado.

Por fim, ao evidenciar um dizer, o fanzineiro tenta responder aos seus anseios e criar algo seu para suprir sua carência por uma mídia que “fale sua língua”, se há uma lacuna na mídia convencional, evidentemente outras formas de fazer serão inventadas.



Referências bibliográficas

- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – 1. artes de fazer*. 13 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- FANZINE COM FUSÃO. N.42, abril, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MAGALHÃES, Henrique. *A mutação radical dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

Notas

- ¹ MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008. p.145.
- ² FOUCAULT, Michael. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ³ Conceito utilizado por Certeau para designar uma ação calculada, ou seja, é uma ação calculada que “tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas vão abrindo na vigilância do poder proprietário” (Certeau, 2007, p. 101) para conseguir brechas e se manter astuciosamente onde deseja estar.
- ⁴ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – 1. artes de fazer*. 13 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p.100.
- ⁵ Abreviação do termo fanzineiro.
- ⁶ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ⁷ MAGALHÃES, Henrique. *A mutação radical dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.
- ⁸ Idem, p. 20.
- ⁹ Ibidem, p. 15.
- ¹⁰ Fanzine Embrulho de Banana, 2006.
- ¹¹ MAGALHÃES, Henrique. *A mutação radical dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005. p. 15.
- ¹² idem, p. 18.
- ¹³ Conversa com autora do fanzine Zinequanon.
- ¹⁴ Fanzine Com fusão, nº 42, abril, 2008.

